

## EDITORIAL/APRESENTAÇÃO

### *Ut sementem feceris, ita metes* <sup>(1)</sup>



**E**m 2006 o economista Jacques Attali<sup>(2)</sup>, no prólogo do seu livro “Uma breve história do futuro”, diz que “dependendo de como agirmos, nossos filhos e netos herdarão um mundo onde será possível viver ou enfrentarão o inferno” (2008, p. 15). Entre viver ou enfrentar o inferno, fica fácil fazer uma opção. Porém não é só uma questão de escolha, mas de eleger o futuro desejado e desencadear ações que conduzam a ele, afinal, não acredito em destino divino. Isto quer dizer que o que é de responsabilidade do homem cabe a ele responder pelos seus atos, tão somente a ele, sem transferir a incumbência a desígnios celestiais.

No percurso rumo ao devir, teoria e práxis exercem-se dialeticamente, transformando o caminho e ao mesmo tempo transformando o caminhante. Jacques Attali (*idem*) tem a posição de que “para deixar-lhe um planeta habitável, é preciso nos darmos ao trabalho de pensar no futuro, de compreender de onde ele vem e como agir sobre ele”. Portanto, seguindo a perspectiva do autor, não se deve negligenciar o passado no agir do aqui agora que faz o futuro. Segundo o autor (*idem*), “isto é possível, já que a História obedece a leis que permitem projetar certos cenários, a partir de dados atuais”.

O espírito aqui é o de um futuro “onde será possível viver”, tendo como propósito contribuir neste sentido, operando dialeticamente com teoria e práxis. O futuro é fruto do presente e este se dá com e como passado-presente.

Teorizar é um exercício acadêmico e do pensar, a priori, imprescindível na leitura do mundo, mas não basta ficar só no plano das ideias, é necessário confrontá-las com o real concreto dialeticamente no devir histórico.

Se o objetivo aqui é teorizar e levar a cabo a práxis no presente com norte no devir, tem-se como máxima que cultivando boas sementes agora se colherá bons frutos no futuro. Sendo assim a **Revista GeoSertões** se coloca como solo fértil e livre de pragas para receber boas sementes,

<sup>(1)</sup> Na tradução do latim seria: *Segundo preparas a semente, assim colherás*. Assim se expressou Cícero (Marcus Tullius Cícero, 106-43 a. C.) num de seus livros de retórica, *De Oratore* (Sobre o orador). PÖPPELMANN, Christa. **Dicionário de máximas e expressões em latim**. (trad. e adap. Ciro Mioranza), São Paulo: Editora Escala, 2010.

<sup>(2)</sup> O livro foi lançado na França em 2006 e sua tradução em português e lançamento no Brasil ocorreram em 2008. ATTALI, Jacques. **Uma breve história do futuro**. (trad. Renata Cordeiro), São Paulo: Novo Século, 2008.



oportunizando que elas germinem, se desenvolvam, amadureçam e gerem bons frutos e novas sementes.

As boas sementes cultivadas neste número da **GeoSertões** têm como carga genética o lúdico como possibilidade de alfabetização; do direito à moradia decente como instrumento de bem viver; da preocupação com a desertificação como questão essencial a vida; da desigualdade como testemunho do que não queremos; do cuidado necessário com a mídia deformadora; da possibilidade de contar histórias outras no coletivo; e, de pensar a cidade e sua produção enquanto espaço de morada coletiva.

De forma mais direta e seguindo a ordem de aparição na Revista, o presente número inicia com o artigo “*A política pública de construção de moradias sociais: uma tentativa do cumprimento da função social da terra urbana em Caicó-RN*”, de autoria de Ravena Valcácer de Medeiros e João Manoel de Vasconcelos Filho. Trata-se de um trabalho que visa mostrar as dificuldades na aquisição do imóvel próprio enquanto realidade persistente em nosso país, que tem sacrificado a vida dos mais pobres, e que tem como característica o seu alto preço, a concentração fundiária da terra urbana e a especulação imobiliária.

O mundo é desigual e a globalização ampliou e explicitou ainda mais essa mazela sofrida pelos mais frágeis da pirâmide social. Nas diferentes regionalizações do espaço mundial é possível perceber disparidades de desenvolvimento entre grandes massas continentais, sendo umas mais faladas que outras, como é o caso africano. Não tão falado no Ocidente, a Oceania é um continente que se precisa conhecer melhor se se quiser pensar o mundo e seu dever. Neste sentido, conta-se aqui com o artigo “*Oceania subdesenvolvida no mundo globalizado: tensões de uma região desarticulada*”. O objetivo do autor, Prof. Gleydson Pinheiro Albano, é tratar da inserção da Oceania subdesenvolvida no mundo globalizado, mostrando particularidades internas de um Continente que tem em sua geografia física a forte presença de arquipélagos; e na sua geografia humana, ganha relevo “a desigualdade e a falta de acesso à energia elétrica, à telefonia e, principalmente, à infraestrutura de transporte aéreo e marítimo por parcela significativa da Oceania subdesenvolvida”.

Sérgio Murilo Santos de Araújo oferece uma “*Avaliação espacial e temporal da desertificação em municípios do Cariri Oriental paraibano (1999 a 2018)*”, destacando que se trata de um fenômeno complexo de redução das propriedades edáficas do solo, o que compromete, entre outras coisas, seu aproveitamento na produção agropecuária. Segundo o pesquisador, “os dados apontaram para uma redução na produção de lenha, tal fato ocorreu devido à forte diminuição da vegetação arbórea nos municípios estudados, assim como uma redução na produção agrícola e na pecuária”. Além dos



resultados alcançados, vale a pena conferir também, a metodologia empregada na pesquisa.

Com a intenção de discutir a gênese e o crescimento da cidade de Campina Grande – PB, Antônio Albuquerque da Costa e Jadiel Lucas Alves de Andrade, empreendem uma pesquisa preliminar no campo da geografia urbana, elegendo, para tanto, abordar a questão do sítio urbano, da situação da cidade, com destaque para o fato de que sua mancha urbana abrange uma área de transição entre regiões ecologicamente distintas, bem como destacam também a importância dos fluxos e fixos no seu desenvolvimento econômico. O estudo pode ser encontrado com o título: “*Uma breve reflexão sobre a configuração territorial de Campina Grande-PB*”.

Preocupado com a alfabetização cartográfica do aluno nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Sérgio Cunha Farias e Renata Palmeira Marcelino Barros, trazem análises e reflexões derivadas de uma experiência de extensão, sobre a construção do raciocínio espacial, tanto no plano perceptivo quanto no representativo. Um dos diferenciais da prática extensionista que motivou o artigo, consistiu em usar, em uma das suas fases, a brincadeira de barra-bandeira como estratégia lúdica de aprendizagem. No artigo “*A brincadeira da barra-bandeira como possibilidade metodológica para a alfabetização cartográfica de crianças*”, o leitor tomará conhecimento de que o uso da brincadeira de barra-bandeira pode “contribuir para a construção dos conceitos geográficos de território, limites, fronteiras e continuidade espacial, basilares para a construção da representação cartográfica por crianças nas fases do pensamento pré-operatório e concreto”.

Tão encantador quanto o uso do lúdico na aprendizagem, é o que a professora Maria Aparecida Sousa Silva Sá realizou. Ela, a partir de sua prática docente, oferece oportunidade de reflexões acerca da relevância de inserir no currículo escolar, conteúdos que contemplem especificidades regionais e locais, possibilitando assim não encobrir ou querer padronizar via curriculum escolar o que é diverso por constituição, como assim é nosso país. Para conferir o desafio e os resultados alcançados pela autora, confira “*Aprendendo e produzindo histórias sobre o semiárido: um relato de experiência da produção coletiva de um livro paradidático*”.

Por fim, mas não menos importante, Maria do Socorro Pereira de Almeida e Sérgio Luiz Malta de Azevedo, usando de um leque amplo de reflexões, provoca nosso leitor a pensar sobre a “*Globalização, educação e o contexto midiático*”. Os autores realizam pesquisa bibliográfica com o intuito de saber como o processo de globalização, enquanto condição hegemônica e, muitas vezes, com consequências deletérias para a sociedade contemporânea, podem atingir, de várias maneiras, as conjunturas



educacionais e culturais e em que proporção isso ocorre no que concerne às implicações na educação e na relação sociedade-natureza.

O solo fértil e livre de pragas oferecido pela **Revista GeoSertões** foi semeado, cabendo ao leitor regar e fazer frutificar boas sementes.



*Santiago Andrade Vasconcelos*  
*Editor-Gerente e Editor*  
**Revista GeoSertões**



Artigos

Artigos

**Artigos**